

# Gonçalves Dias – Seus olhos

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
Estrelas incertas, que as águas dormentes  
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Têm meiga expressão,  
Mais doce que a brisa, – mais doce que o nauta  
De noite cantando, – mais doce que a frauta  
Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
São meigos infantes, gentis, engraçados  
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travessos; – causando tormento,  
Com beijos nos pagam a dor de um momento,  
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,  
Às vezes vulcão!  
Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,  
Tão frouxo brilhar,  
Que a mim me parece que o ar lhes falece,  
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece  
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,  
Desperta a chorar;  
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,  
Não pensa – a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,  
Às vezes do céu  
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,  
Um vago desejo; e a mente se veste  
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos  
Da pátria melhor;  
Eu amo seus olhos que choram sem causa  
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,  
De vivo fulgor;  
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,  
Que falam de amores com tanta poesia.  
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Eu amo esses olhos que falam de amores  
Com tanta paixão.

**Gonçalves Dias, Obra poética completa**